

Fábrica  
de  
Sentidos

Elicio Santos

*Três Irmãos*  
*Editora*



“As belezas mais honestas se tornam truques de mau gosto.”

Vivemos tempos de incessantes rupturas. A sociedade se tornou líquida, para utilizar uma imagem do pensador Zygmunt Bauman, mas esta água que passa por baixo da ponte dos nossos dias é tão limpa quanto a Baía de Guanabara ou o Rio Tietê.

Relembrando Plínio Marcos, já não são apenas dois, mas muitos perdidos nas noites sujas, transitando pelas ruas, bebendo nos bares, andando nos shoppings, transitando no Planalto. O crime nos espreita em cada passo, em cada gesto, em cada telefonema grampeado, nas redes sociais vigiadas e censuradas, nas mensagens criptografadas, no Grande Irmão que nos espreita.

O que deveria ser o fim da história, com a morte das ideologias utópicas, se tornou um macabro recomeço, onde os extremismos ganham força, ignorando a pacífica convivência, a tolerância e o respeito. Não é diferente

com a religião, que se mistura ao Estado, em teocracias alucinadas, agressivas, alienadas, onde o direito individual sucumbe aos falsos moralismos das bancadas eleitoreiras.

E é neste tempestuoso cenário mundial, desta total ausência de sentidos, que emerge esta FÁBRICA DE SENTIDOS, microcosmo da realidade, mais que da ficção. Suas personagens nos parecem familiares, talvez por dialogarem com aquelas que vemos nas primeiras páginas dos tabloides impressos ou no noticiário do meio-dia.

Se Nelson Rodrigues desconstruía, em seus textos diários, a imagem de uma família puritana que só existia nos comerciais de margarina, Elicio Santos nos apresenta outras famílias, fragilizadas e infelizes cada uma à sua maneira, como diria Dostoiévski. O que era submundo, emergiu. Emergentes voláteis que ostentam o seu luxo e a sua luxúria, passeiam por suas páginas; reles vagabundos, analfabetos ideológicos, religiloucos

de várias denominações: uma Bíblia em uma mão e um revólver na outra.

Seus contos, de uma beleza tragicômica, como numa cena de Tim Bourton, nos levam a perguntar: é esse o mundo em que vivo?

O título desta apresentação - “As belezas mais honestas se tornam truques de mau gosto” – foi sacado de um dos contos do autor e, na minha opinião, reflete muito bem o conjunto homogêneo da sua obra, de metáforas desconcertantes e finais irreverentes. A nossa imensa capacidade de profanar as coisas mais sagradas, de enegrecer as águas mais límpidas, de banalizar os mais nobres ideais, como se tudo fosse permitido.

Elicio Santos não vem para repelir o absurdo cotidiano de Maiakóvski, como um poeta, mas para nos sensibilizar com a força da sua prosa, já que a realidade nos tem tornado cegos e insensíveis ao universo que nos rodeia.



Fé De Muitos Gumes	7
Cartas Marcadas	13
Engenharia Social	17
Sete Vezes Setenta	21
Assunção	37
Câmera Aberta	45
Gestos Imortais	49
Dezesseis	57
Tempo Perdido	63
Código Do Silêncio	73
Trevo De Duas Folhas	77
A Luneta Mágica	97